

AS FACES DO RACISMO BRASILEIRO NA FALA EMOCIONADA DE UMA GRIÔ: O ENCONTRO DE UM ADOLESCENTE NEGRO COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA (MURICILÂNDIA-TO)

Aldo Luiz Siqueira Freitas¹, Hélio Márcio Nunes Lacerda²

¹Estudante do Ensino Médio Integrado em Informática, Campus Araguaína do IFTO - e-mail <odlazilu13@gmail.com>

²Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFTO-Campus Araguaína - e-mail: <helio.lacerda@ifto.edu.br>

Resumo:

O artigo apresenta e discute um relato de campo, resultado de uma Visita Técnica, organizada pelo Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI) do IFTO-Campus Araguaína, no dia 12 de maio de 2018, no Quilombo Dona Juscelina, localizado em Muricilândia - município da Microrregião de Araguaína, no Tocantins. A Visita foi antecedida por uma oficina sobre o método etnográfico: caderno de campo em mãos e disposições para olhar, ouvir e escrever o que viriam a vivenciar no Quilombo. Como resultado desse trabalho de campo, o artigo é escrito na primeira pessoa e se desenvolve em dois eixos. O primeiro trata do encontro entre os autores no Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI) Campus Araguaína, destacando os lugares de fala de cada um deles: da experiência escolar do aluno e da experiência profissional do professor. No segundo eixo, o estudante traz o seu relato de campo, cuja questão central é o despertar de um sentimento e de uma reflexão sobre a questão do racismo, a partir da escuta de um relato da Griô Dona Juscelina, que dá nome à Comunidade Quilombola visitada, de um modo que jamais havia sentido e que trouxe um grande impacto à sua visão de mundo, como adolescente negro. Ao final, professor e aluno discutem os impactos dessa visita técnica em suas vidas e nas dinâmicas do NEABI Campus Araguaína.

Palavras-chave: Antropologia, NEABI Campus Araguaína, Lei 10.639/2003, Quilombo, racismo.

1 INTRODUÇÃO

A Rede Federal de Ensino Ciência e Tecnologia (Rede EPCT) foi criada pela Lei 11.892, no ano de 2008. O Campus Araguaína entrou em funcionamento no ano de 2009 (Portaria 862). A Rede EPCT traz uma proposta inovadora ao ensino público, alocando numa mesma unidade escolar ou Campus a educação básica e a educação superior. Isso significa que num mesmo turno podemos encontrar estudantes de ensino médio, de graduação e de Pós-Graduação e até mesmo alunos que sequer diplomados são em cursos de formação inicial e continuada. Em outros termos, os IFs resolvem o gargalo existente entre esses dois níveis de ensino.

Outro fator importante de inovação é a institucionalização de núcleos de estudos dedicados aos estudos assim como a estruturação de planos de ação pertinentes às minorias.

Assim, este artigo, apresenta e discute experiências concretas, resultado dessa política educacional que coloca no centro das atenções da comunidade escolar a preocupação com as minorias.

Essas experiências encontram-se objetivadas no relato etnográfico sobre os processos que envolveram a Visita Técnica, organizada pelo Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas do IFTO-Campus Araguaína, no dia 12 de maio, no Quilombo Dona Juscelina, no município de Muricilândia, localizado na Microrregião de Araguaína.

O texto está organizado da seguinte forma: a Introdução é dedicada à discussão sobre o encontro entre os autores, professor e estudante, no Campus Araguaína e no Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas. No estado da arte traz um levantamento de artigos que trata, da Lei 10.639 na Educação Básica. A metodologia, por sua vez, documenta o relato de campo do estudante. E, por fim, nas considerações finais, os autores, professor e estudante, discutem os impactos dessa visita técnica em suas vidas e nas dinâmicas do NEABI Araguaína, destacando o interesse pela pesquisa provocado por essa visita técnica e os trabalhos que estão emergindo no Núcleo.

O Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas no Campus Araguaína

No Campus Araguaína, o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas do Campus Araguaína (NEABI-ARN) iniciou as suas atividades no ano de 2016 (Portaria 238/2016). Este Núcleo faz parte das Ações Integradas de Inclusão e Diversidade do Instituto Federal do Tocantins (CAID-IFTO), que contemplam dois outros Núcleos, um voltado às questões

de gênero e de sexualidade (NEGES) e outro ao atendimento à pessoa com necessidades especiais (NAPNE). Vale registrar que no ano de 2018 o NAPNE iniciou as suas atividades no Campus Araguaína.

Do ponto de vista institucional, o NEABI está em atividade desde novembro de 2016. Entretanto, no ano de 2014 uma série de atividades voltadas para as questões étnicas foram iniciadas no Campus realização da I Semana Negra de Estudos Étnico-raciais.

O Núcleo surgiu, então, para formalizar um conjunto de ações que, felizmente, já estavam e consolidadas no Campus, dando-lhe um caráter permanente e institucional. O Núcleo realiza anualmente a Semana Negra de Estudos Étnico-raciais, em que há apresentação de pesquisas, palestras, rodas de conversa, desfile de beleza Afro, oficinas de turbante e de tranças e apresentações culturais. Em 2018, já aconteceram a I Semana Indígena e a V Semana Negra de Estudos Étnico-raciais. Atualmente o grupo (composto predominantemente por estudantes do ensino médio integrado) se reúne às quartas-feiras, no final do turno vespertino.

Os espaços para estudos Afrobrasileiros e Indígenas na formação dos estudantes do ensino médio: o aluno Aldo encontra o professor Hélio Márcio

Foi um encontro saudável e leve, muitos destes são meus professores. Na sala de aula, e os debates de sala de aula também ajudam na adaptação e na socialização no núcleo, foi um prazer enorme esse contato mais aprofundado com essas questões por lá, pois era algo que me fazia necessário e é necessário para todo estudante que busca formar uma consciência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO/ESTADO DA ARTE

O livro “120 anos de abolição” de Luciana Jaccoud, Rafael Guerreiro Soares e Sergei Soares, nos serviu de inspiração e norteou as discussões que seguem no artigo, especialmente na sua abordagem sobre a questão dos efeitos psicossociais do racismo.

Procedemos também a um levantamento bibliográfico de artigos que tratam a questão do racismo no Brasil e de artigos que versam sobre a Lei 10.639/2003 nas instituições escolares no país. Como um exercício inicial, buscamos materiais publicados no site do

Scielo (<<http://www.scielo.br>>), que reúne Revistas nacionais e estrangeiras de excelência nos mais variados campos do saber.

Como resultado, percebemos que a obra do sociólogo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (1996; 1999; 2003; 2004; 2016) tem oferecido uma importante contribuição para o debate sobre as questões étnicas no Brasil, com esforços para compreender a questão sobre o racismo no Brasil. Os seus argumentos sobre a questão do uso dos termos raça e cor também são destacadas nesses artigos.

Quanto a Lei 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade de se estudar as culturas afro-brasileiras e africanas nas instituições escolares do país, encontramos apenas três artigos, o que dá sinais do lugar que essa temática têm ocupada no sistema escolar brasileiro e, especialmente, nas preocupações do campo acadêmico. Diante desse cenário, o presente artigo visa contribuir também com uma reflexão sobre as configurações de desenvolvimento do trabalho pedagógico que podem contribuir para a efetivação dessa lei no cotidiano escolar. O caso do NEABI no IFTO, institucionalizado nas políticas educacionais da Rede EPCT figura como um caso exemplar. Vale citar os artigos encontrados no Scielo:

- *A Lei 10.639/2003 e a Escola de Educação Especial: um desafio a mais para a formação de professores*, de Elânia Oliveira;
- *Dilemas e aporias subjacentes aos processos de implementação da Lei 10.639/2003*, de Moisés de Melo de Santana, Itacir Marques da Luz e Auxiliadora Maria Martins da Silva;
- SOUZA, Florentina da Silva; PEREIRA, Leticia Maria de Souza. *Implementação da Lei 10.639/2003: mapeando embates e percalços*, de Florentina da Silva Souza; Leticia Maria de Souza Pereira.

3 METODOLOGIA/MATERIAIS E MÉTODOS

A Visita Técnica foi antecedida por uma oficina sobre o método etnográfico, assim, com referências da Antropologia os estudantes foram preparados para as interações sociais no Quilombo: caderno de campo em mãos e disposições para olhar, ouvir e escrever o que se veria.

Como resultado desse trabalho de campo, o artigo traz o relato de campo do estudante cuja questão central é o despertar de um sentimento e de uma reflexão sobre a questão do racismo, a partir da escuta de um relato da Griô Dona Juscelina, que dá nome à Comunidade Quilombola visitada. Na discussão, estudante e professor discutem o porquê desse sentimento tão particular, de um modo que o estudante jamais havia sentido e que trouxe um grande impacto à sua visão de mundo, como adolescente negro. Ao final, professor e aluno discutem os impactos dessa visita técnica em suas vidas e nas dinâmicas do NEABI Araguaína.

A escrita do artigo se deu em reuniões presenciais e a distância, com a escrita de um arquivo em nuvem e conversa pelo bate-papo. Para estimular a escrita, o professor prosseguiu com um roteiro de perguntas que buscaram resgatar memórias e precisar informações do diário de campo do estudante. Após isso, as perguntas foram retiradas do corpo do texto, que foi expandido e alocado nas seções do artigo. Trata-se de um texto etnográfico, daí o seu resultado ser o relato de campo. Tais procedimentos tiveram inspiração na leitura do "Guia para Pesquisa de Campo", de Stéphane Beaud e Florence Weber (2014).

Além dos resultados apresentados, a expectativa mostrar a riqueza da pesquisa etnográfica e dos métodos da Antropologia na experiência escolar, assim como à iniciação científica de estudantes do ensino médio.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No ano de 2017, iniciei o ensino médio integrado em informática no Campus Araguaína do Instituto Federal do Tocantins. Eu havia cursado o ensino fundamental em uma escola da rede estadual tocantinense, onde, inclusive, a minha mãe atuava como professora (hoje aposentada) e inclusive fui seu aluno. Foi graças aos esforços e incentivos dados por colegas e pessoas próximas que me preparei e conseqüentemente consegui ser aprovado no processo seletivo do IFTO.

Nessa mudança de escola, fiquei impressionado com a estrutura do Campus Araguaína e com a qualidade dos professores que ali encontrei. Passei por um processo de adaptação, que não aconteceu de imediato. No começo encontrei dificuldades pela maneira em que a instituição tratava o aluno e o ensino; aos poucos fui aprendendo a lidar com essa metodologia distinta, o que tornou a minha vida mais tranquila.

O ano de 2018 iniciou com uma novidade: fui convidado pelo professor Hélio Márcio para compor, com outros colegas do Instituto, o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas. Eu havia sido seu aluno no ano de 2017, onde fui apresentado e conheci sua metodologia. Além disso, eu já nutria certa curiosidade sobre esse Núcleo, especialmente, após acompanhar em 2017 os trabalhos desenvolvidos na Semana Negra e na Semana da Consciência Negra -dentre os vários projetos e eventos realizados, motiva muito a aproximação das pessoas com o Núcleo - para mim, um dos principais frutos de todo o trabalho do NEABI!

A preparação para a Visita técnica à Comunidade Quilombo Dona Juscelina

Em 9 de maio - três dias antes da viagem ao Quilombo - a antropóloga Rita de Cássia Domingues Lopes, professora da UFT, proferiu uma palestra no NEABI sobre trabalho de campo na Antropologia. Ela explicou e orientou sobre comportamentos nas interações com as pessoas no local de pesquisa. Ressaltou a importância de nos mantermos unidos ao nosso grupo para não acontecer desaparecimento. Também explicou sobre técnicas de observação de campo, de escrita em caderno de campo, e redação de trabalho etnográfico.

No caminho!

No dia 12 de maio (um sábado) acordei por volta das 05:50 da manhã. Apesar de ter dormido bem, levantei da cama ansioso. No café da manhã tive uma conversa entusiasmada com minha mãe sobre a Visita Técnica no Quilombo. Ficamos imaginando o que eu descobriria por lá, como ex professora de história, ela deu uns toques importantes também.

Por volta das 6h30 meu pai me levou de carro a escola (Campus Araguaína)¹. Fiquei por mais de meia hora a espera da saída e comentei com alguns colegas sobre a expectativa da viagem e a preocupação para evitar gafes. Também estávamos preocupados com a hidratação devido ao calor que íamos enfrentar em campo e até mesmo durante a própria viagem. Por isso, além das garrafas individuais, levamos um galão de 20 litros, também levamos alimentos para colaboração no almoço coletivo que haveria por lá e outros alimentos para consumo individual no decorrer do dia.

¹É recorrente o tratamento dos Institutos Federais como "escola" por aqueles agentes sociais que lidam com a educação básica. Em outras palavras, as referências à instituição parece vinculada diretamente ao nível de ensino em que vivem num determinado momento.

Cerca de 22 estudantes se inscreveram para a Visita Técnica. Dentre eles, dois faltaram, e outro - um colega muito querido pelo grupo - chegou quando o ônibus já estava no portão. Como ele costuma se atrasar sempre, a sua entrada no ônibus foi motivo de comemoração e risos.

A viagem foi realizada com ônibus do Campus Araguaína, conduzido pelo motorista Dorival. Viajamos por cerca de uma hora. Pelo caminho os estudantes cantaram várias músicas: de sertanejo à funk, de tecnobrega à pop. A viagem foi muito animada e serviu para a paulista Juliana Basilio - professora que trabalha no Campus Colinas do Tocantins e nos acompanhou na viagem - se soltar um pouco e "entrar no ritmo tocantinense da coisa".

Durante o dia fomos conduzidos pelos professores Hélio Márcio, Cristina Souza (PEBTT do Campus Araguaína) pela Coordenadora Sandra e Juliana.

No terreno de campo: um dia no 45º Festejo da Abolição da Comunidade Quilombo Donas Juscelina!

Na chegada a comunidade, a primeira impressão e choque que eu tive foi o fato de ser um Quilombo Urbano. No caminho, eu imaginava que iríamos a uma comunidade afastada da cidade e com pouca ou quase nenhuma infraestrutura, já que a imagem que eu tinha de uma comunidade como essa era a do Grotão, localizada há poucos quilômetros de Araguaína, e onde eu havia ido há muito tempo.

Como um quase leigo no assunto, houve de cara um contato direto que ligou no fato de ser um local com infraestrutura, como toda a dimensão do Quilombo ser asfaltada, ter saneamento básico e iluminação pública, água encanada - coisas que eu não esperava encontrar na viagem -, também me surpreendeu o evento ser organizado e patrocinado pela prefeitura de Muricilândia. Para mim, isso demonstrava o interesse do poder público pela conservação da identidade da cidade de Muricilândia, algo que não é muito comum entre o executivo, porém após uma pesquisa rápida, descobri que o vice-prefeito era quilombola e que a maior parte da população da cidade é negra.

Ao descer do ônibus fizemos uma foto do grupo. Alguns passos adiante e já estávamos numa das ruas preparadas para o festejo. Notei que existia uma preocupação acolhedora das pessoas que faziam parte do Festejo. Fomos acolhidos de tal forma que nos sentimos agradáveis e à vontade no espaço da festividade. Recebemos orientações no espaço de credenciamento do evento. Além disso, recebemos coordenadas sobre por onde

se direcionar para as oficinas e local de refeição, além do conhecimento do espaço. Nessa acolhida, recebemos total apoio e sentimos certa liberdade para pesquisar e explorar as matérias que foram encontradas por lá. A relação dos professores do IFTO já estabelecida com pessoas do Quilombo ajudou muito: a valorização do modo de vida da comunidade, fazendo valer com esta visita, a propagação de uma convivência totalmente válida e que merece ser respeitada, mas que por falta de conhecimento isso não acontece.

Mas desde o planejamento da viagem, dentre todas as informações que recebemos sobre o Quilombo, eu desejei ver pessoalmente Dona Juscelina, fundadora da Comunidade Quilombola que leva o seu nome. Fiz uma imagem dela. Imaginei uma mulher forte que lutou arduamente contra o racismo e as políticas de embranquecimento que enfrentou, conseguindo manter e coordenar esta comunidade.

No Festejo pude perceber que ela era muito mais do que eu havia imaginado e pude perceber a dimensão do seu papel no Quilombo, na luta pelo reconhecimento da sua Comunidade em Muricilândia e pela memória, para não deixar cair no esquecimento, toda a violência sofrida pelas gerações de negros que foram escravizados no Brasil.

As atividades formais do evento iniciaram às 9h, os griôs foram os primeiros a compor a mesa da manhã, entrando em forma de cortejo. Os jovens que militam no quilombo lhe pediram a bênção antes do início.

A Griô Dona Juscelina teve a primeira palavra. A sua voz desgastada e ao mesmo tempo firme nas palavras, me emocionou muito porque detalha e traz aos que assistiam tudo, o mínimo de todo o enfrentamento. Ela falou sobre a luta que foi chegar em Muricilândia e dar início a toda a comunidade onde ela é a líder de 236 famílias residentes.

O discurso de Dona Juscelina, me fez rebuscar os meus antepassados. A suas palavras soaram de uma maneira muito diferente para mim: foi a primeira vez que vi uma senhora negra, de idade avançada, falar com seu conhecimento e vivência sobre o projeto de branqueamento da população brasileira no século XX e que foi chamado de democracia racial - termo forjado pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre na década de 1930 - e que se irradiou para toda a sociedade brasileira.

As dificuldades que passou ao longo da vida, não a desmotivaram, pelo contrário, lhe motivaram a seguir nessa caminhada de luta contra o racismo e reconhecimento. O seu discurso detalhou, em meio a sorrisos e lembranças tristes, como foi todo o ciclo de luta contra aquilo que era imposto na sociedade que ainda dura. Uma lágrima começou a

escorrer pelo seu rosto; a voz trêmula e um tanto cansada de uma mulher negra, se faz possível para todos os presentes na hora compreender as marcas do período escravista. As palavras dela me tocaram de tal forma que foi difícil conter a emoção. Eu, como jovem negro imaginei e me coloquei na situação dos negros que passaram pelo o que ela passou e pelos que morreram na luta e não suportaram as consequências disso. Mas, em meio a tudo isso, também sorri e senti orgulho de saber que existem pessoas dispostas a lutar pelo ideal importante como a luta contra o embranquecimento no que se deve ao apagamento dos traços negros, não só dos fenótipos, mas dos negros no plano cultural em comerciais e anúncios publicitários que ainda vigora. Dona Juscelina é mais uma entre tantas e tantas que tiveram suas vozes caladas e não puderam falar. E, por não falarem não escancaram as marcas que todo esse período escravista deixou nelas. São marcas que os negros sentem até hoje.

Eu sinto essas marcas enquanto jovem negro de cabelo crespo, imaginando a conjuntura atual é difícil associar a imagem de alguém bem sucedido a uma pessoa que use um cabelo black, por exemplo. Tudo isso fruto do estereótipo do sucesso instituído pela sociedade. Notei que não existia ódio naquelas lágrimas de Dona Juscelina. Havia, sim, uma dor profunda que nem o tempo é capaz de atenuar.

Ainda pela manhã ocorreram duas palestras com pesquisadores que investigaram as questões étnico-raciais e quilombolas. Dentre os temas abordados: o processo de reconhecimento formal de uma comunidade quilombola, trâmite que faz caminho pelo governo federal. Soube ali que tal reconhecimento ajuda muito os moradores de comunidades quilombolas, pois com reconhecimento fica mais fácil o seu acesso a outros serviços, por exemplo, a instalação de escola no interior do próprio quilombo. No caso da Comunidade Dona Juscelina, essa regulamentação foi publicada em 2010, pelo Processo Inkra 54400.000823/2010-31 e Portaria 51/2010.

O almoço foi coletivo, cada visitante ajudou com alguma coisa para o preparo que ficou por conta de pessoas voluntárias do Quilombo. A preparação e a distribuição dos pratos ocorreu na sede do Quilombo para todos os que estavam prestigiando e trabalhando no festejo. Essa coletividade é traço de comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas, quanto ao modo de tratar o visitante, conforme fui informado pelo professor Hélio no dia.

Durante o horário de almoço, Nosso grupo descansou à beira de do rio Murici, bem próximo ao local do evento. Durante esse descanso, conversamos e refletimos sobre o que havíamos vivenciado até aquele momento. Com o grande volume de informações que

recebemos, o diálogo com os colegas ajudou muito a processar o que havia se passado naquela manhã.

Na parte da tarde houve uma mesa redonda chamada: “Cultura e identidade: o resgate através da aceitação e conhecimento, o cabelo como ressignificação da beleza negra” composta por pesquisadoras da UFT e jovens militantes. Nas suas falas, perspectivas sobre as estéticas capilares de afrodescendentes e desde a imposição de alisamentos ocorrida durante anos até o momento atual em que as práticas de alisamento são questionadas e os cabelos crespos são cada vez mais aceitos. Houve uma intensa participação da plateia, com relatos de histórias sobre cabelos crespos de crianças e mulheres, os alisamentos, e a transição para o cabelo natural.

Ali ficou claro o apelo para se dar um basta no uso de produtos que apagam os traços da identidade negra. Foi ressaltado o papel de grupos nas redes sociais que iniciaram pela discussão de produtos para cabelos e se consolidaram como grupos de luta pela afirmação de identidades negras. As palestrantes citaram casos de mulheres que chegaram a fazer loucuras pelo cabelo liso. Para elas, a ajuda de outras foi importante para conseguirem passar pela fase de transição, que é o período mais difícil desse processo de afirmação.

No fim da tarde foi dada uma oficina de turbante pela professora Kênia e adolescentes do grupo “cacheadas in love”, nessa oficina também foi explicado que o turbante não é apenas coisa de cigano e líder de religião de matriz africana, e sim acessório de identidade negra.

A volta ao Campus Araguaína foi muito tranquila, e foi conversado entre os colegas sobre tudo aquilo que aconteceu de forma marcante para todos, cheguei em casa por volta das 19h. com o sentimento de dever cumprido. A minha primeira vivência naquela comunidade foi incrível. No caminho, muitos pensamentos na minha cabeça: fiquei pensando e sentindo as marcas de um período tão cruel da nossa história: a escravidão. Nos meus sentimentos, a questão do tempo. Depois de 130 anos da Abolição da escravidão. Senti-me privilegiado de poder olhar isso de perto, e de uma pena por quem pensa de uma forma preconceituosa e não conhece a realidade de perto.

E se minha vontade no começo era de conhecer mais de perto a Griô, felizmente, eu consegui o meu objetivo. E acredito que pude ir além: entendi toda aquela carga de sentimento que Dona Juscelina carregou por tantos anos. Algo que por mim sempre será lembrado quando se falar de comunidade quilombola.

5 CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas e a (re)construção de identidades negras no Campus Araguaína do IFTO

A Visita Técnica constituiu um momento excepcional na formação dos estudantes, pois foi além de uma participação como simples espectadores de um festejo anual: já na sua primeira participação no Festejo da Abolição do Quilombo Dona Juscelina, a formação sobre técnicas de trabalho etnográfico permitiu o acesso a conhecimentos de antropologia tanto na teoria como na prática. Com seus olhares informados pela antropologia, estiveram sensíveis, com olhos e ouvidos atentos às novidades, ao que não lhes era familiar. Também puderam repensar o que já era familiar - como no caso do estudante Aldo, autor do presente artigo. Ele tinha o conhecimento escolar sobre a questão da escravidão e do racismo no país. Entretanto, ouvir uma quilombola relatar a vida de seus antepassados, lhe tocou de uma maneira única. Ele, um adolescente negro se viu conectado a essa história e se sentiu aos seus antepassados. Aldo sentiu dor; sentiu o passado e o presente; o peso do passado de opressão na sua vida e na vida de negros e negras no Brasil em pleno século XXI. Aldo pensou no racismo na sua vida, todos os dias, na vivência mesmo, por exemplo, nas “falas” de pessoas conhecidas (e não raro até mesmo pessoas estranhas) com relação ao seu cabelo crespo, ao seu nariz.

O relato etnográfico que deu corpo ao presente artigo revela a importância do "saber de experiência", como diz Jorge Larrosa (2002), um deslocamento de um conhecimento daquilo que se passa para um conhecimento daquilo que nos passa, que nos afeta. Dessa forma, o artigo desvela dimensões de uma experiência escolar muito singular: mudança de visão de mundo. Essa mudança veio acompanhada de uma vontade de compreender melhor esse mundo, por isso a iniciação científica está no foco do estudante e do professor.

Outros(as) estudantes também passaram pelo mesmo processo do Aldo e estão desenvolvendo reflexões sobre o que viram, ouviram, sentiram e registraram na Visita ao 45º Festejo da Abolição. Como se vê, a Visita Técnica afetou de modo muito positivo os participantes do NEABI-ARN, inclusive, abrindo novas pautas de trabalho e a vontade de realizar pesquisa por parte dos estudantes. Essa vontade não é algo simples ou corriqueiro na experiência escolar na educação básica. Muito pelo contrário, para nós constitui um

fato extraordinário, que muito nos anima a avançar nos estudos sobre dimensões do racismo no Brasil num diálogo permanente com populações negras e Comunidades Quilombolas no Tocantins.

A nossa percepção é que mesmo depois de 130 anos da abolição da escravidão ainda falamos e/ou conhecemos pouco sobre o racismo no Brasil e que urge nos aproximarmos dessa questão e compreendê-la nas suas várias dimensões. O contato com as Comunidades Quilombolas do Tocantins é fundamental para a construção desse conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. ENEM: FERRAMENTA DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003 - COMPETÊNCIAS PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL?. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 32, n. 1, p. 79-103, mar. 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000100079&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago. 2018.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. Implementação da Lei 10.639/2003 - competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Pro-Posições**, Campinas , v. 28, n. 1, p. 55-80, abr. 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000100055&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago. 2018.

BEAUD, S; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográfico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL. Decreto 7.824, de 11 de outubro de 2012. Regulamenta a Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 de outubro de 2012. ano CXLII, nº199, p.6. Disponível em: <goo.gl/mRaEdu>. Acesso em 25 out. 2017.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa.

Educ. rev., Curitiba , n. 47, p. 19-33, mar. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago. 2018.

(GUIMARÃES, 1996; 1999; 2003; 2004; 2016)

A Lei 10.639/2003 e a Escola de Educação Especial: um desafio a mais para a formação de professores, de Elânia Oliveira;

Dilemas e aporias subjacentes aos processos de implementação da Lei 10.639/2003, de Moisés de Melo de Santana, Itacir Marques da Luz e Auxiliadora Maria Martins da Silva;

SOUZA, Florentina da Silva; PEREIRA, Leticia Maria de Souza. *Implementação da Lei 10.639/2003: mapeando embates e percalços*, de Florentina da Silva Souza; Leticia Maria de Souza Pereira;

GUIMARAES, ANTONIO SÉRGIO ALFREDO. As elites de cor e os estudos de relações raciais. *Tempo soc.*, São Paulo , v. 8, n. 2, p. 67-82, dez. 1996 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701996000200067&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago. 2018.

GUIMARAES, Antônio Sérgio Alfredo. Baianos e paulistas: duas "escolas" de relações raciais?. *Tempo soc.*, São Paulo , v. 11, n. 1, p. 75-95, maio 1999 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701999000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago. 2018.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Educ. Pesqui.*, São Paulo , v. 29, n. 1, p. 93-107, jun. 2003 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago. 2018.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Formações nacionais de classe e raça. *Tempo soc.*, São Paulo , v. 28, n. 2, p. 161-182, ago. 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702016000200161&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Rev. Antropol.*, São Paulo , v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-

77012004000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012004000100001>.

OLIVEIRA, Elânia de. A Lei 10.639/2003 e a Escola de Educação Especial: um desafio a mais para a formação de professores. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 47, p. 85-95, mar. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602013000100007>.

SOUZA, Florentina da Silva; PEREIRA, Leticia Maria de Souza. Implementação da Lei 10.639/2003: mapeando embates e percalços. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 47, p. 51-65, mar. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago. 2018.